

**DO RIO SEVER A MARVÃO**  
**- UM ENSAIO DE ARQUEOLOGIA ESPACIAL -**

Jorge de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:**

Neste texto procedemos a um ensaio de análise territorial dos 272 registos arqueológicos reconhecidos no pequeno mas complexo concelho de Marvão. Desde as cotas baixas por onde o Rio Sever corre e onde os testemunhos arqueológicos mais antigos ocorrem até á formação e estruturação da vila de Marvão no topo da crista quartzítica que se eleva acima dos 850 metros, tentam-se compreender as dinâmicas da ocupação do território desde o Paleolítico até aos alvores da nacionalidade.

**Palavras-chave:** Arqueologia, paisagem, Rio Sever, Marvão

**Abstract:**

In this text we proceed to a territorial analysis of the 272 recognized archaeological records in the small but complex municipality of Marvão. From the lower altimetry where the Rio Sever runs and where the oldest archaeological evidence occurs until the formation and structuring of the village of Marvão at the top of the quartzite crest that rises above 850 meters, we try to understand the dynamics of the occupation of the territory From the Paleolithic to the beginning of nationality.

**Key-words:** Archeology, landscape, Rio Sever, Marvão

**Ponto 1**

A presente comunicação que a este congresso quisemos trazer resulta duma releitura, dez anos depois, dos trabalhos de campo que conduziram à elaboração da Nova Carta Arqueológica de Marvão. Esses trabalhos, por nós coordenados, contaram com a colaboração de Sérgio Pereira e João Parreira (Oliveira *et al*, Parreira, 2007).

---

<sup>1</sup> CHAIA/UÉ [2016] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UÉ 2014] - [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia].

Passados dez anos alguns novos sítios foram entretanto identificados e alguns testemunhos mereceram leituras mais actualizadas mas, sobretudo, procurámos agora melhor compreender os testemunhos arqueológicos na sua relação com a paisagem tendo como referência a capacidade e uso dos solos, as altimetrias e o posicionamento em relação ao principal factor para a fixação humana, as linhas de água de curso permanente, neste caso o Rio Sever. É pois o Rio Sever o factor determinante na antropização da paisagem no território do actual concelho de Marvão. Num pequeníssimo concelho como é o de Marvão, a sua principal linha de água, o Rio Sever, parece ter sido o elemento fundamental, ao longo dos milénios, na organização das dinâmicas e estratégias de ocupação do espaço. Associados a este fundamental elemento não serão igualmente estranhos a maior ou menor capacidade agrícola dos solos e sobretudo as enormes variações altimétricas registadas nesta região.

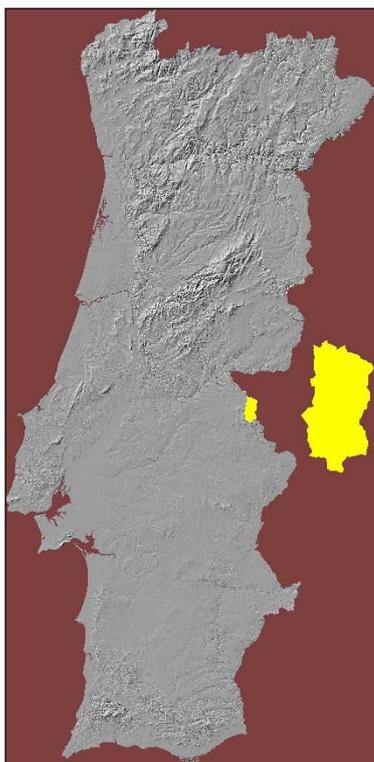


Fig. 1- Localização do concelho de Marvão

## **Ponto 2**

O estudo que nos serve de suporte resultou dum contrato estabelecido, em 2006, entre a Câmara Municipal de Marvão e a Universidade de Évora para a realização da revisão do PDM na variante patrimonial e que posteriormente veio a ser publicado em livro intitulado “Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão”. Os trabalhos de

campo decorreram entre Agosto de 2006 e Janeiro de 2007 e assentaram em duas fontes de informação prévias. A mais antiga e que contava apenas com 78 registos era o levantamento elaborado por Afonso do Paço. Este arqueólogo através de “visitas de estudo” realizadas em 1946 e 1947 a convite do, então, Presidente da Câmara Municipal de Marvão, Manuel B. Vivas e dos subsequentes levantamentos de campo de 1948 e 1950, agora já financiados pelo Instituto de Alta Cultura, permitiram que aquele investigador apresentasse no XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, realizado em 1950, em Lisboa, uma comunicação intitulada “Carta Arqueológica do Concelho de Marvão”. As actas desse congresso vieram a ser publicadas em 1953 chegando, assim, ao grande público o inventário de setenta e oito sítios arqueológicos reconhecidos, então, no concelho de Marvão. O segundo pilar de informação foi o continuado trabalho de prospecção desta região por nós realizado ao longo de várias décadas decorrente de vários projectos de investigação arqueológica que aqui desenvolvemos e que, de alguma forma, informaram a lista de sítios registados no primeiro PDM de Marvão, que foi objecto de revisão em 2006. Assim, nesse ano, conheciam-se já 140 sítios arqueológicos na área do concelho de Marvão. Com o levantamento de 2006 sinalizaram-se mais de 260 arqueossítios alguns comportando mais do que uma informação crono-cultural no mesmo registo o que, na sequência de eventuais escavações arqueológicas o número de registos será substancialmente mais elevado. No levantamento efectuado em 2006 foram registados sítios arqueológicos, já implantados na área do concelho de Castelo de Vide, mas que pela sua proximidade ao território de Marvão e por se englobarem no mesmo contexto arqueológico foram incluídos nesse levantamento. Este caso assume particular relevo a zona do Vale do Cano, onde corre a ribeira do mesmo nome, em cujas margens a densidade de vestígios é notável. Assim, o levantamento de 2006 engloba 275 registos arqueológicos, onze dos quais encontram-se situados no concelho de Castelo de Vide. Passados dez anos e sem que, entretanto, se tivesse procedido a nenhuma campanha de prospecções sistemáticas mas apenas decorrente de trabalhos pontuais ou descobertas fortuitas poderemos acrescentar mais oito sítios, merecendo especial destaque os dois novos abrigos com arte rupestre, os vestígios romanos na zona do Cabril, e da alta Idade Média, no Barreirão, os vestígios dum povoado atribuído ao Neolítico antigo junto à Anta da Tapada do Castelo, decorrentes dos trabalhos de campo dirigidos por Leonor Rocha e os novos



**Ponto 3**

Os 272 sítios arqueológicos agora conhecidos distribuem-se de forma irregular pelas quatro freguesias que conformam os 154,5 km<sup>2</sup> que compõem o concelho de Marvão e subdividem-se pelos seguintes grandes períodos históricos:

PALEOLÍTICO	9
PRÉ-HISTÓRIA RECENTE - (20 habitats, 26 antas e 3 menires)	49
PROTO – HISTÓRIA	11
ROMANO	45
ALTA IDADE MÉDIA	82
MEDIEVAL / MODERNO	42
INDETERMINADO	34

Em termos crono-culturais e sem entrarmos aqui em análise detalhada reconhece-se que a maior concentração de testemunhos atribuíveis ao Período Romano localiza-se na freguesia de S. Salvador da Aramenha, a que não será estranha a qualidade dos solos, abundância de água e por consequência a localização da Cidade romana de Ammaia. Na Freguesia da Beirã, maioritariamente bordejada pelo Rio Sever, ocorrem, essencialmente os vestígios pré e proto-históricos, enquanto nas freguesias de Santa Maria de Marvão e Santo António das Areias prevalecem os testemunhos atribuíveis à Alta-Idade-Média, à Idade Média e Idade Moderna. A altimetria média destas duas freguesias, que oscilam maioritariamente entre as cotas dos 400 e os 800 metros, poderão explicar a preferência pelas ocupações destes períodos.

Ao analisarmos o número total de sítios distribuídos por períodos cronológicos rapidamente nos apercebemos do elevado número de testemunhos atribuíveis à Alta-Idade-Média. Estes testemunhos correspondem a 30,1% do total, quase o dobro da percentagem de sítios atribuíveis à Pré-História Recente (18 %), que ocorre em segundo lugar. Este elevado número de sítios balizáveis entre o século VI e a Reconquista Cristã ficará a dever-se ao abandono e conseqüente pulverização da Cidade de Ammaia e à desarticulação do próprio império romano, que terão provocado a proliferação de pequenas aldeias e casais sustentadas numa economia assente na pequena agricultura e

na pastorícia. Sabemos hoje que alguns destes povoados alto-medievais terão originado alguns dos actuais núcleos urbanos, tais como Santo António das Areias, Ranginha, Barretos, Cabeçudos, Galegos, Pitaranha, Escusa, Alvarrões, etc.. Sobre este assunto desenvolvemos um estudo particular intitulado *A Pulverização da Ammaia na Alta Idade-Média* (Oliveira e Pereira, 2008). Aí tentamos compreender como os locais de difícil acesso, visibilidade exterior muito reduzida, altimetrias variáveis, mas preferencialmente procurando a proximidade de pequenos vales agricultáveis mas com alguma defensibilidade natural foram escolhidos pelas comunidades após a derrocada da Ammaia. Os solos que bordejam estes arqueossítios são maioritariamente de classe D ou E, bem diferentes dos que envolviam os sítios arqueológicos do período imediatamente anterior. Na verdade os solos com melhor aptidão agrícola e que se situam na zona sul do concelho bordejando o segundo tramo da bacia do Sever, maioritariamente de classe A, foram ocupados pela primeira vez durante o domínio romano e assumidamente abandonados após o colapso do império e só voltaram a ser continuamente explorados em períodos de paz durante as épocas históricas seguintes. Estes solos com melhor aptidão agrícola foram claramente rejeitados pelas primeiras comunidades agrícolas devido à sua incapacidade técnica para os explorarem. Sendo solos argilosos, de Verão são extremamente compactos onde a tecnologia do pau e da pedra se tornava inoperante e na época das chuvas a sua plasticidade obrigava a tecnologias agrícolas ainda não dominadas pelas comunidades pré-históricas.

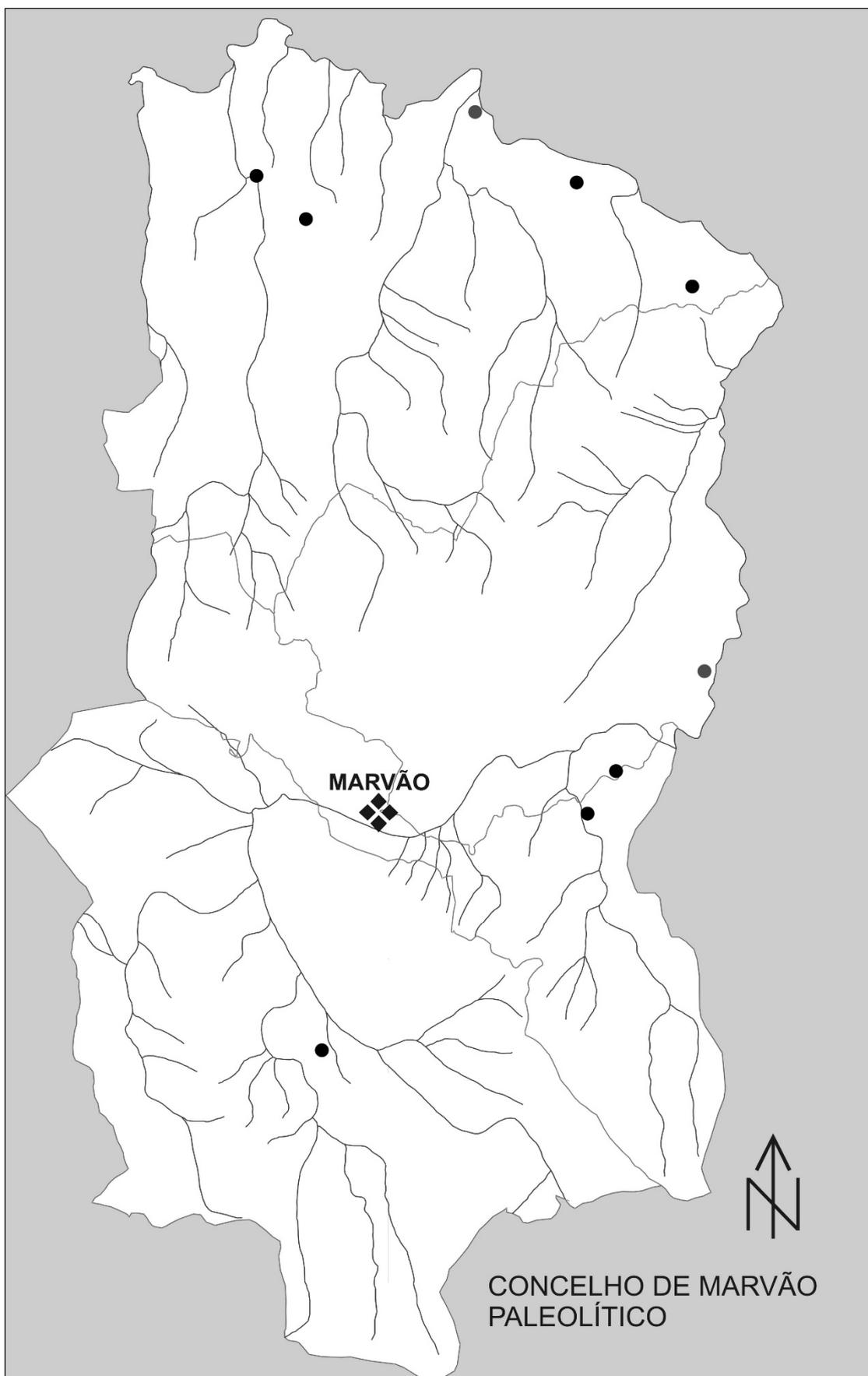


Fig. 3 – Sítios do Paleolítico



Fig. 4 - Pinturas esquemáticas do Ninho do Bufo

Nas principais cascalheiras das margens do Sever, sobretudo no tramo que a partir do Tratado de Alcanices passou a configurar a fronteira política, recorrentemente identificam-se artefactos atribuídos às primeiras comunidades humanas que por estas terras deambularam. Assim, nas cotas mais baixas, junto ao rio, identificamos os principais testemunhos atribuídos ao Paleolítico. A igual presença de núcleos e lascas nas imediações de Vidais poderão pressupor a existência de algum acampamento paleolítico que tenha antecedido os testemunhos dos finais do Neolítico, mas sobretudo calcolíticos que caracterizam culturalmente as principais ocupações das denominadas Lapas de Vidais. Este “complexo arqueológico” como lhe chamou Victor Gonçalves (Gonçalves, 1977) será, porventura, o melhor exemplo, em micro escala, para entendermos as principais linhas de força da ocupação humana desta região. Nas cotas mais baixas envolventes do denominado Castelo de Vidais e que se estendem até ao Sever, em solos interessantes do ponto de vista agrícola, onde poderemos encontrar as estreitas mas férteis várzeas com solos de classe A e pequenas manchas de solos classe B convivem testemunhos atribuídos ao Paleolítico médio e final e estruturas agrícolas romanas. Se uns procuravam a proximidade à água para surpreenderem a fauna que aí fosse em busca do precioso líquido, outros, os romanos, procuraram a riqueza dos solos para implantação de *villae* como nos testemunham as ruínas das Amendoeiras e Pombais.

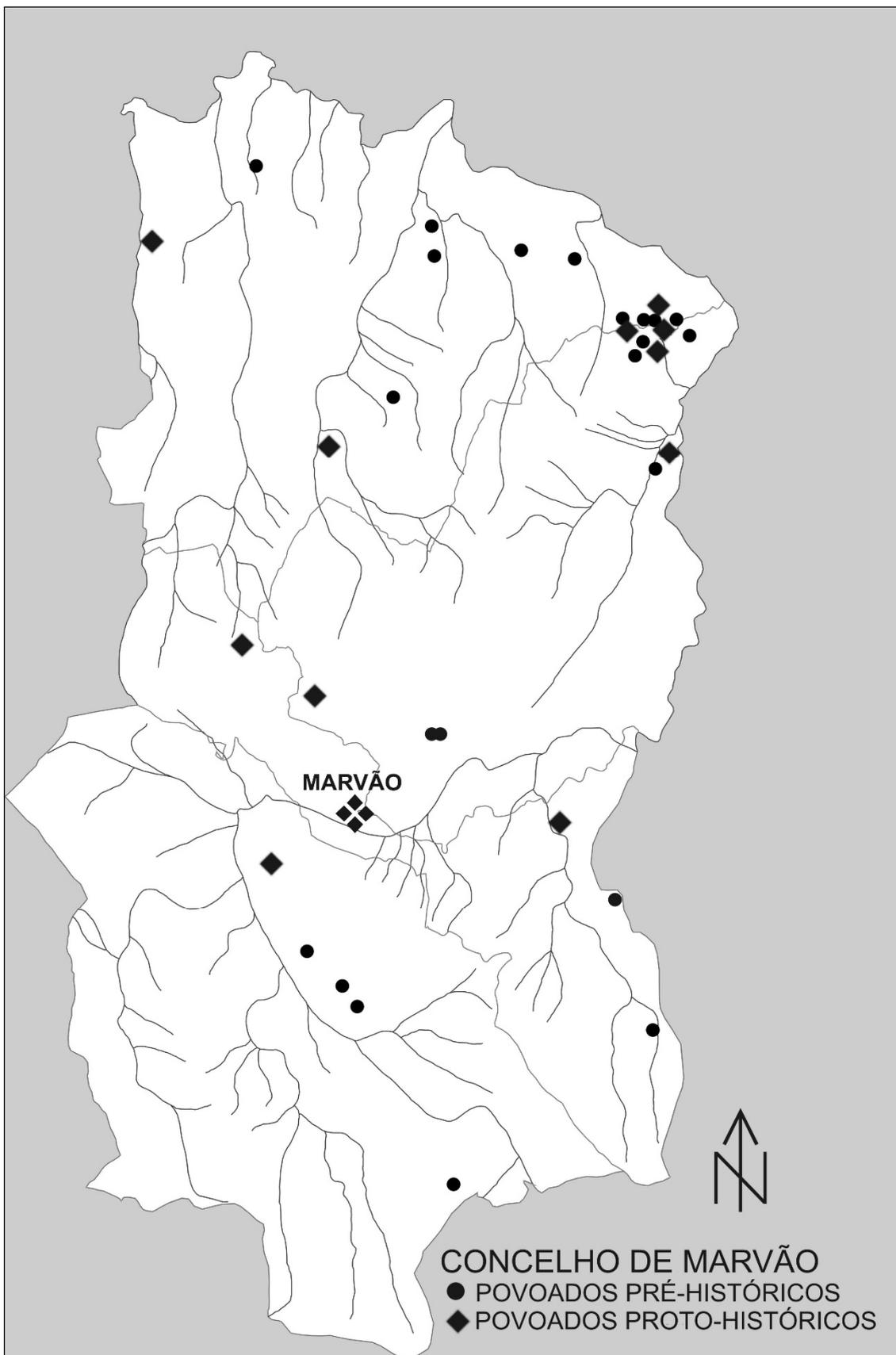


Fig. 5 – Povoados Pré e Proto-Históricos

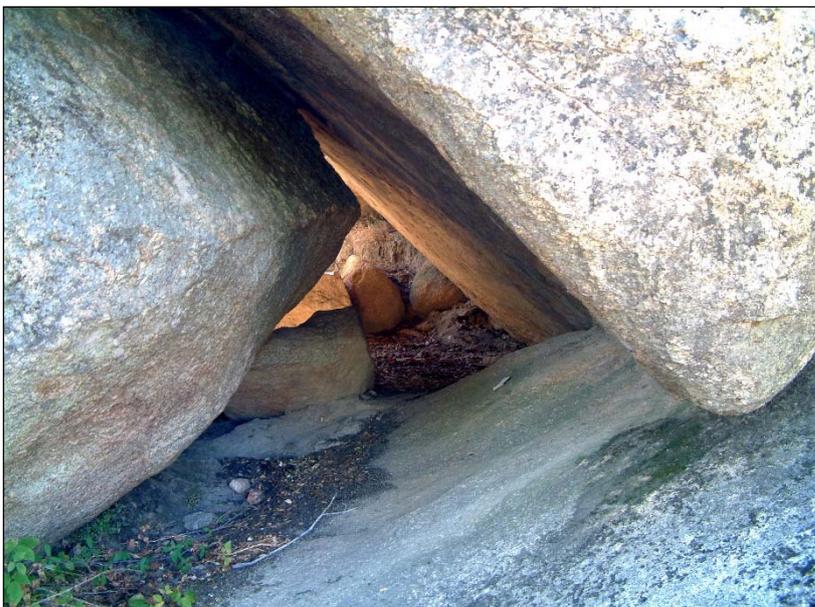


Fig. 6 -Lapas de Vidais com ocupação do Neolítico e Calcolítico

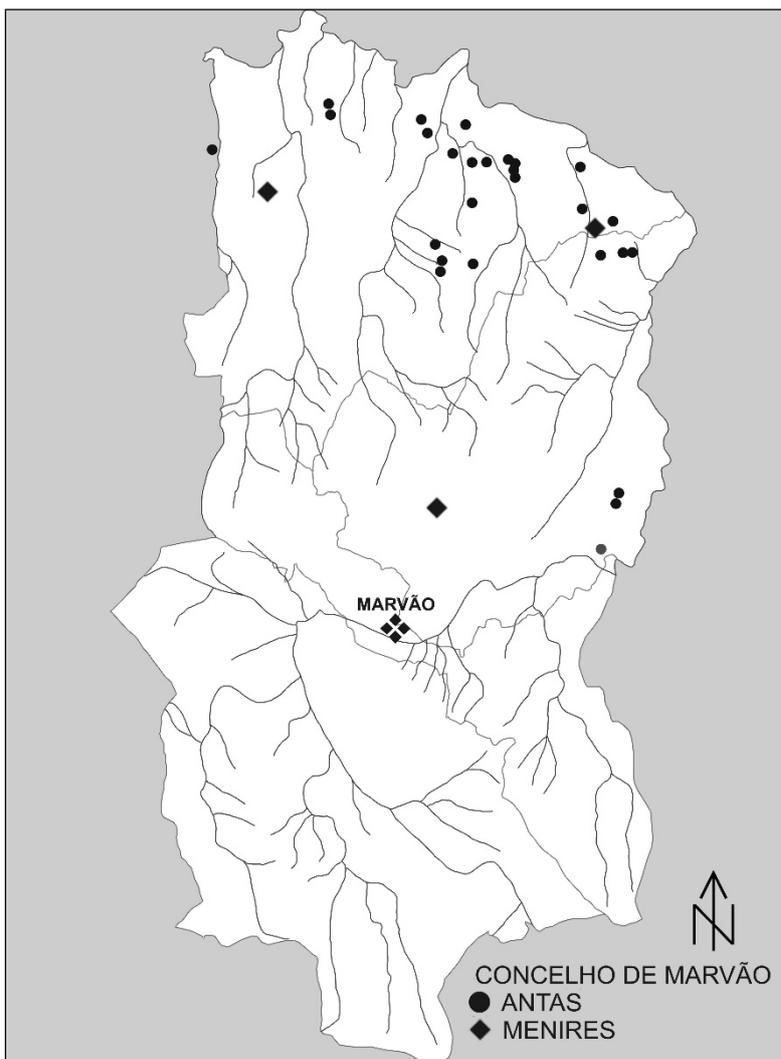


Fig. 7 – Megalitismo



Fig. 8 - Menir da Água da Cuba

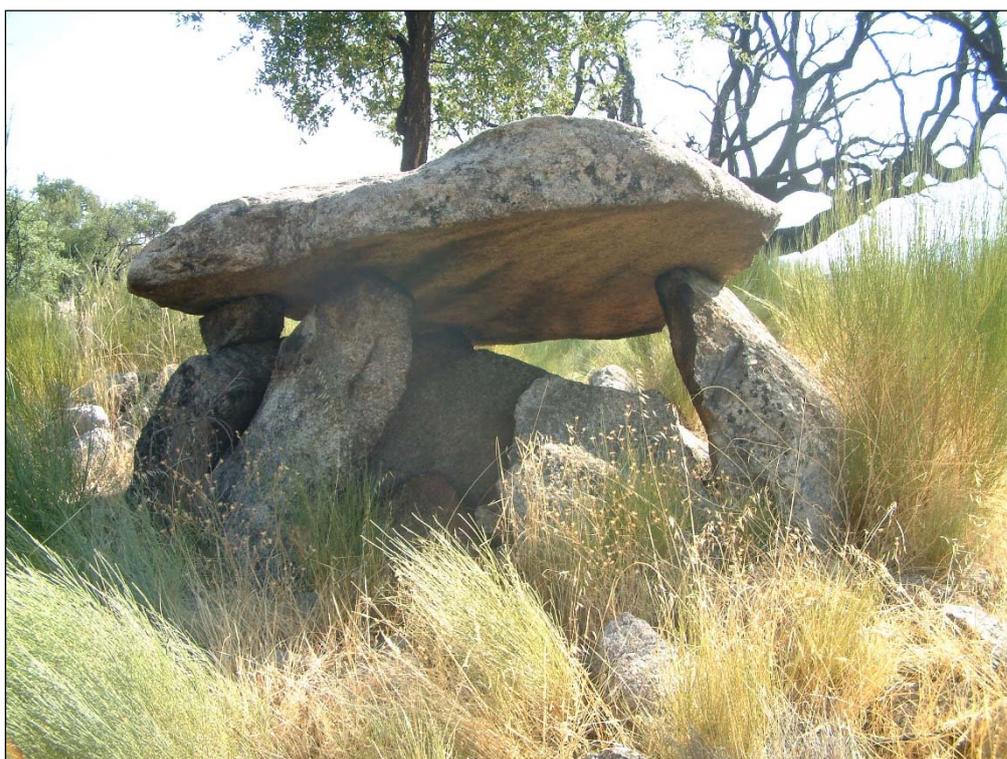


Fig. 9 - Anta da Laje dos Frades

O estabelecimento das primeiras comunidades agrícolas, ainda muito dependentes da caça mas, por enquanto, pouco receosas dos seus semelhantes, porque ainda poucos excedentes possuiriam, procuraram abrigo sob as grandes formações graníticas e áreas adjacentes para implantarem os seus povoados. A curta distancia das

terras que teriam capacidade para explorar, preferencialmente de classe C, e que se encaixam em pequenos vales rodeados pelos grandes afloramentos graníticos as comunidades que ocuparam as lapas de Vidais aí permaneceram, provavelmente ciclicamente, até aos alvares da metalurgia. À medida que processo histórico avança, que os excedentes se acumulam e que conseqüentemente a insegurança aumenta reconhece-se a procura de locais mais elevados, logo mais defensáveis, para estabelecimento dos novos povoados. Em Vidais claramente se reconhece essa evidência. Os testemunhos atribuídos ao Calcolítico final e à Idade do Bronze deixam de ocorrer na base da formação granítica que no interior das suas lapas acolheram os primeiros agricultores e pastores e encontramos-os no topo destas formações rodeadas de esboços de muralhas rudimentares. Mas esta ocupação terá sido curta, porque em breve a necessidade de maior defesa vai obrigar as gentes de Vidais a procurar as cotas mais elevadas para se estabelecerem. O topo da colina de Vidais vai ser defendido por, pelo menos, duas linhas de muros onde no interior dos quais as gentes já portadoras da tecnologia do ferro procuram abrigo. Os espaços anteriormente ocupados denotam um notório abandono porque pouco defensáveis. Embora em linha recta a distancia entre as lapas e o denominado Castelo de Vidais se reduza a cerca de 300 metros, a diferença de cotas e as pendentes acentuadas justificam a preferência da cumeada por parte das comunidades da Idade do Ferro. Esta opção ocorre, claramente, por questões de segurança, embora fiquem mais distantes das terras e da água que dependiam para sobreviver.

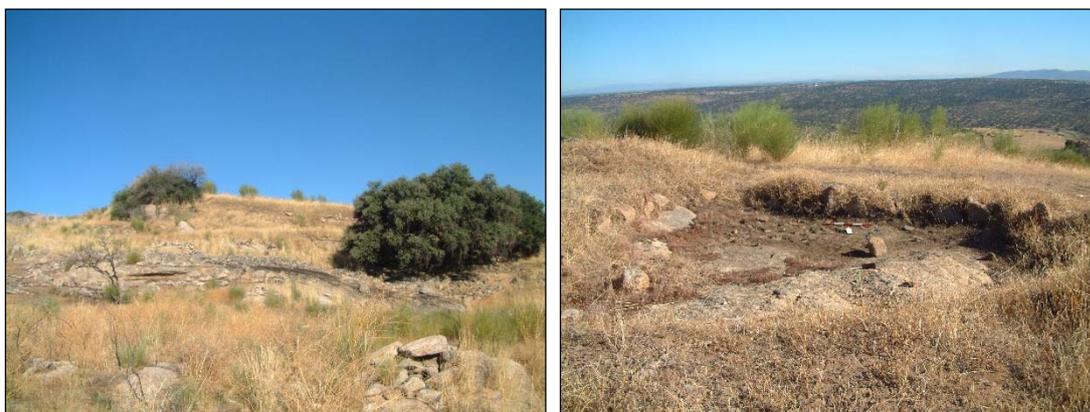


Fig. 10 e 11 - Povoado da Idade do Ferro de Vidais (Castelo de Vidais)



Fig. 12 - Vasos encontrados na casa da “acrópole” do Castelo de Vidais (M.M.M.)



Fig. 13 - Castelo do Corregedor em primeiro plano (Idade do Bronze e Idade do Ferro)

Situação idêntica encontramos em outros locais do concelho. O Povoado do Corregedor, rodeado por duas linhas de muralhas, destaca-se no horizonte pela sua capacidade de defesa. Ocupado desde a Idade do Bronze até à chegada dos romanos, este povoado fortificado é rodeado nas cotas baixas envolventes por diversos testemunhos paleolíticos e da pré-história recente. Também o denominado Castelo da

Crença alcantilado sobre uma formação granítica é protegido por vestígios duma muralha ciclópica com ocupações aparentemente descontínuas que se terão iniciado na Idade do Ferro e retomado após a queda do Império Romano. No entorno deste povoado fortificado, nas cotas baixas adjacentes, encontramos, igualmente, testemunhos *habitats* anteriores que terão sido abandonados quando esta colina, mais defensável, é ocupada.

Todos estes povoados fortificados serão abandonados nos inícios da romanização. Vidais, atendendo aos vestígios detectados em escavações por nós realizadas nos inícios da década de setenta, foi assediado e incendiado nos alvares da romanização. As casas da “acrópole” com cobertura vegetal foram abandonadas precipitadamente e incendiadas. No seu interior ficou o seu mobiliário preservado sob uma espessa camada de cinzas e terra. À volta da lareira lá estavam três vasos de cerâmica nos quais se estaria a preparar alguma refeição, no recanto norte da habitação mais de uma vintena de pesos de barro indicava-nos que ali funcionava o tear, do outro lado, à esquerda da porta, um vaso de maiores dimensões e ao seu lado uma falcata de ferro. Do lado oposto uma taça de cerâmica com sinais de fracturas antigas cobria, preservando e selando um coprólito aparentemente de criança. À entrada da casa, na rampa que lhe dá acesso, recolheu-se uma moeda republicana, em bronze, onde se desenham os dois atuns e a cabeça de Hércules envolta pela pele do leão, perdida seguramente na precipitação da fuga dos habitantes deste povoado e que nos ajuda a posicionar o abandono definitivo do “Castelo de Vidais”. Estes e outros materiais hoje guardados no Museu Municipal de Marvão testemunham o fim trágico duma comunidade indígena que se terá atrevido a fazer frente aos exércitos de Roma. Tal como Vidais também os outros povoados da Idade do ferro da região terão sido precipitadamente abandonados com a chegada dos novos colonizadores. Sob a protecção dum forte e organizado exército a colonização romana vai provocar uma profunda mudança nas estratégias de exploração e ocupação do território.

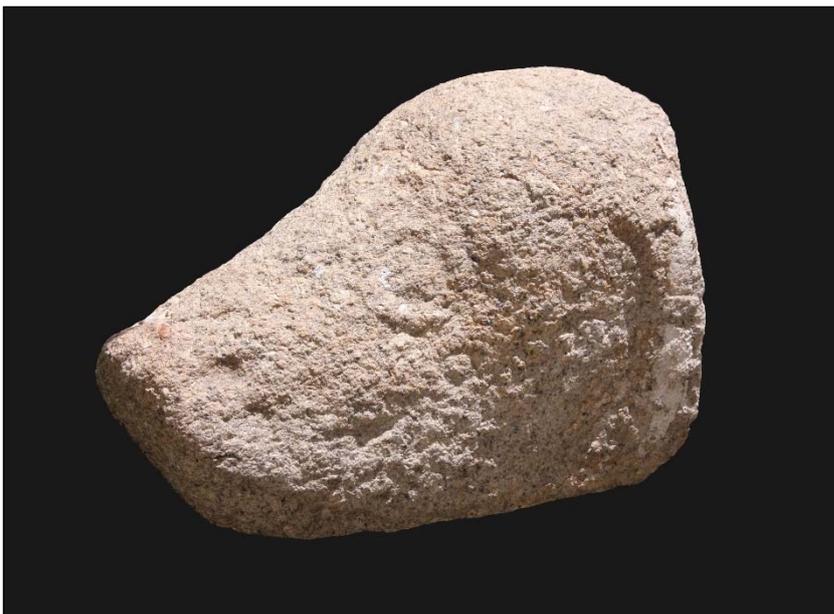


Fig. 14 - Cabeça de porco (Berrão) da Idade do Ferro encosta norte de Marvão



Fig. 15 - Termas da *villa* da Herdade dos Pombais

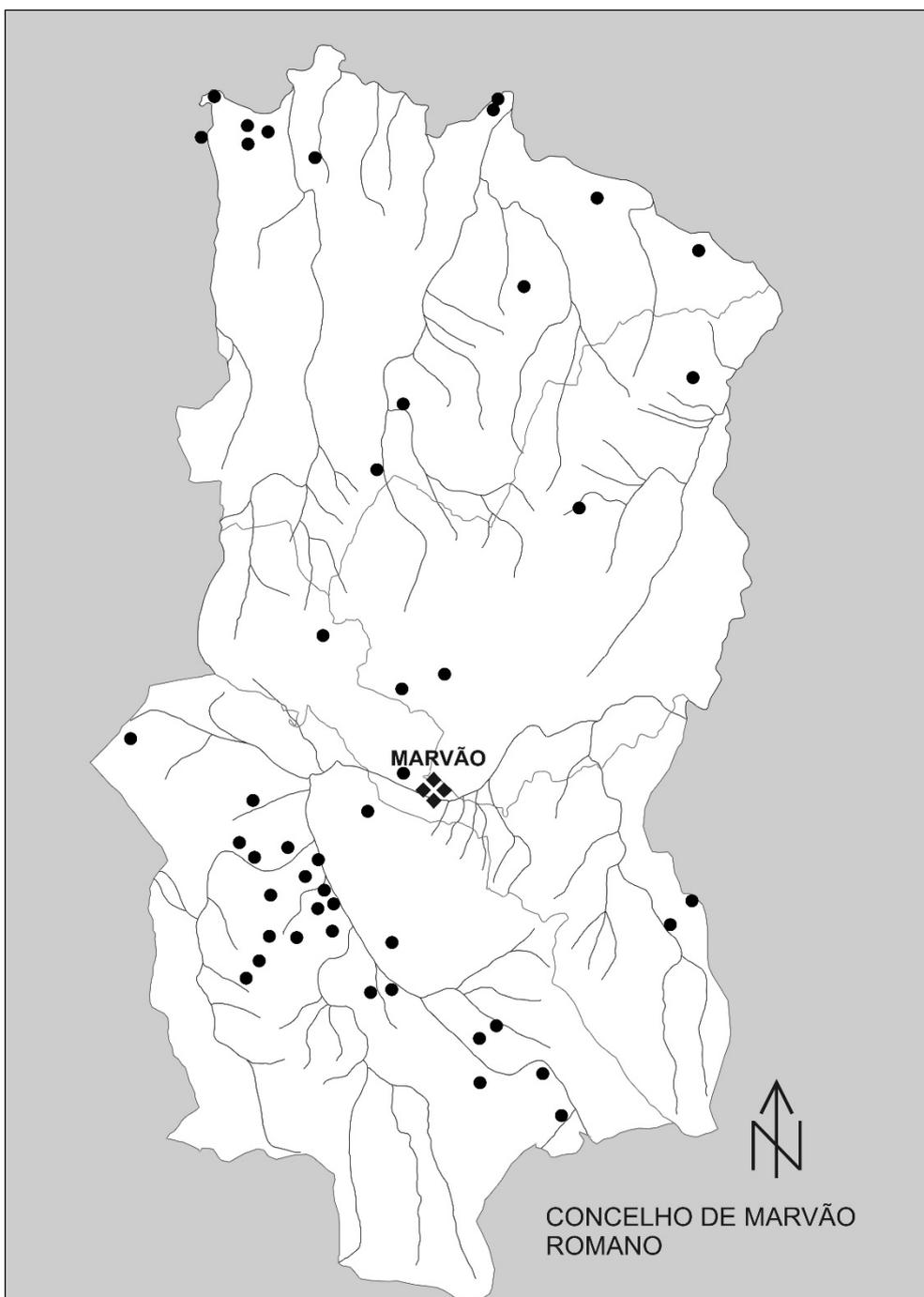


Fig. 16 – Ocupação romana

Os povoados de altitude são abandonados, os solos com melhor aptidão agrícola são intensamente explorados e junto a eles erguem-se os novos espaços de vivência. No fértil vale do Sever, nas terras argilosas da actual Aramenha, riscam-se os dois eixos ortogonais que irão organizar a cidade de verancio denominada Ammaia. Rodeada por uma, mais simbólica do que funcional, muralha, esta cidade nasce da frescura do lugar para aqui se refugiarem dos calores estivais os romanos poderosos desta zona do

império. Termas, fórum, teatro e amplas praças decoradas com diversa estatuária de mármore acolhem gentes que necessitam de ser alimentadas e vestidas. Os campos envolventes são explorados. A agricultura, a pecuária e a mineração romanas estão testemunhadas arqueologicamente por toda a região evidenciando uma nova ordem socioeconómica que modela a paisagem e onde também a rede viária é uma claro exemplo. Esta dinâmica e azáfama, com altos e baixos mantem-se até aos alvores do século VI. Como atrás já referimos, com a desagregação do império assiste-se ao conseqüente colapso e pulverização da cidade romana de Ammaia. A rede comercial sucumbe, a estrutura política e militar perde-se e as gentes que na cidade e nas casas agrícolas satélites viviam vão procurar outro modo de vida, por questões de segurança longe das principais vias, mas nas imediações das estreitas línguas de terra aráveis que se abrem entre os grandes afloramentos graníticos. As cotas acima dos 450 metros são as mais procuradas. Aqui parecem ter encontrado refúgio os que abandonam a Ammaia. Uma nova economia, assumidamente não comercial, vai obrigar a uma nova estratégia de ocupação do território. Só mais de cento e cinquenta anos após a chegada das primeiras levas das gentes do norte de África à Península Ibérica é que voltamos a ter notícias desta região através das investidas autonómicas de Ibn Marwan al-Yil'liqui. Até 876, data provável para a instalação duma estrutura defensiva na parte alta da actual vila de Marvão mandada construir por este muladi, a vida por estas paragens parece ter regredido aos tempos da idade do ferro. Casas simples de parede de pedra seca, maioritariamente cobertas por giesta, rudemente organizadas em minúsculos espaços urbanos onde sobreviviam comunidades que dependiam duma pequena agricultura e da pastorícia caracterizam a sociedade destes tempos nesta região. Fechadas ao exterior, estas comunidades, apesar de estarem sob o domínio islâmico ter-se-ão mantido fiéis ao seu cristianismo, atendendo à forma de tumular e à inscrição cristã desenhada numa telha encontrada por Afonso do Paço no povoado do Monte Velho. Para além da Crónica do Mouro Rasis que nos relata as aventuras de Ibn Maruán, nos finais do século IX, o único documento assumidamente islâmico que se conhece nesta região é a lápide funerária que descobrimos no pico da Serra de S. Mamede, a que não será estranho o topónimo “Mamede”, que mais não será que Maomé, isto é Serra de Maomé. Desse local, do Pico de S. Mamede, alguns anos antes de recolhermos este documento epigráfico, hoje guardado no Museu Municipal de Marvão, foram retirados vários

capitéis de granito, aparentemente romanos, que ainda vimos no pátio da Quinta do Belo Horizonte que a meio da encosta da serra espreita a cidade de Portalegre. A presença de capitéis romanos e da inscrição muçulmana no Pico de S. Mamede poderão sugerir a presença de algum tempête romano, posteriormente islamizado e que mais tarde terá sido cristianizado com construção, não muito distante desde local da Ermida de S. Mamede. Mas, mesmo esta ermida parece ter reocupado um anterior espaço islâmico se atendermos à estranha plataforma quadrangular que sobre os afloramentos rochosos a poucas dezenas de metros para norte da ermida se ergue. O seu singular posicionamento em termos de visibilidade para toda a encosta da serra mas, sobretudo, a espectacular acústica que deste único local se obtém, permitem-nos pensar nas ruínas dum minarete do qual o almuadem chamaria para as obrigatórias orações os fiéis de Alá que nesta serra viveriam.

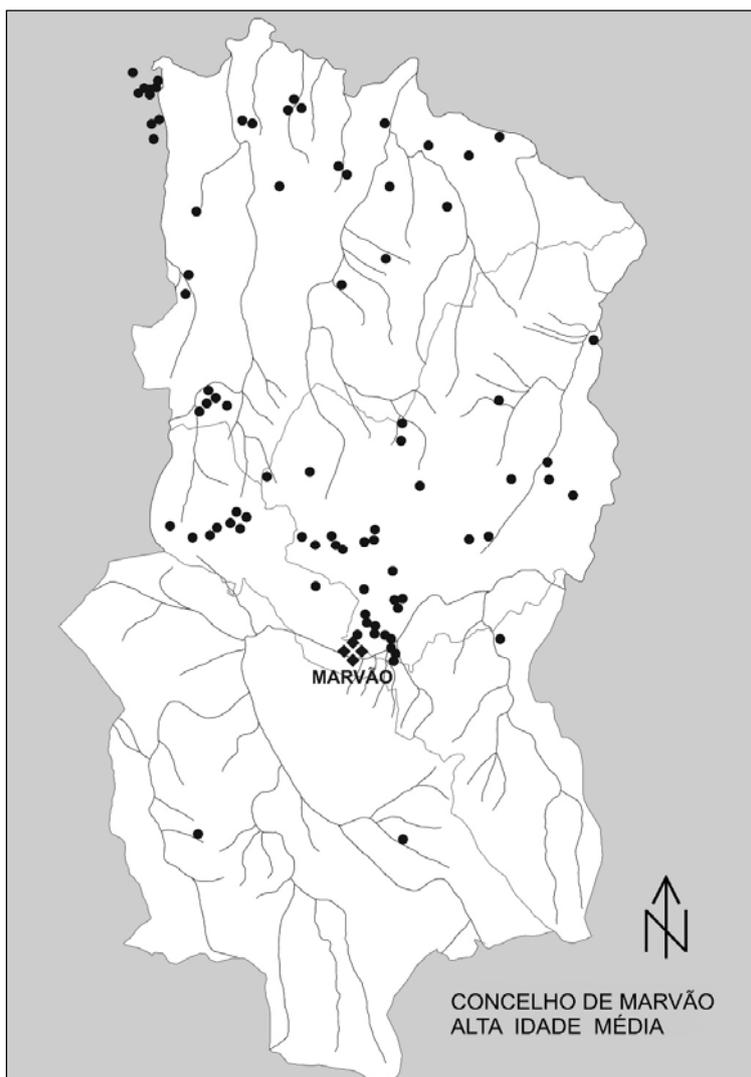


Fig. 17 – Sítios medievais



Fig. 18 - Povoado alto-medieval da Patinha da Burra

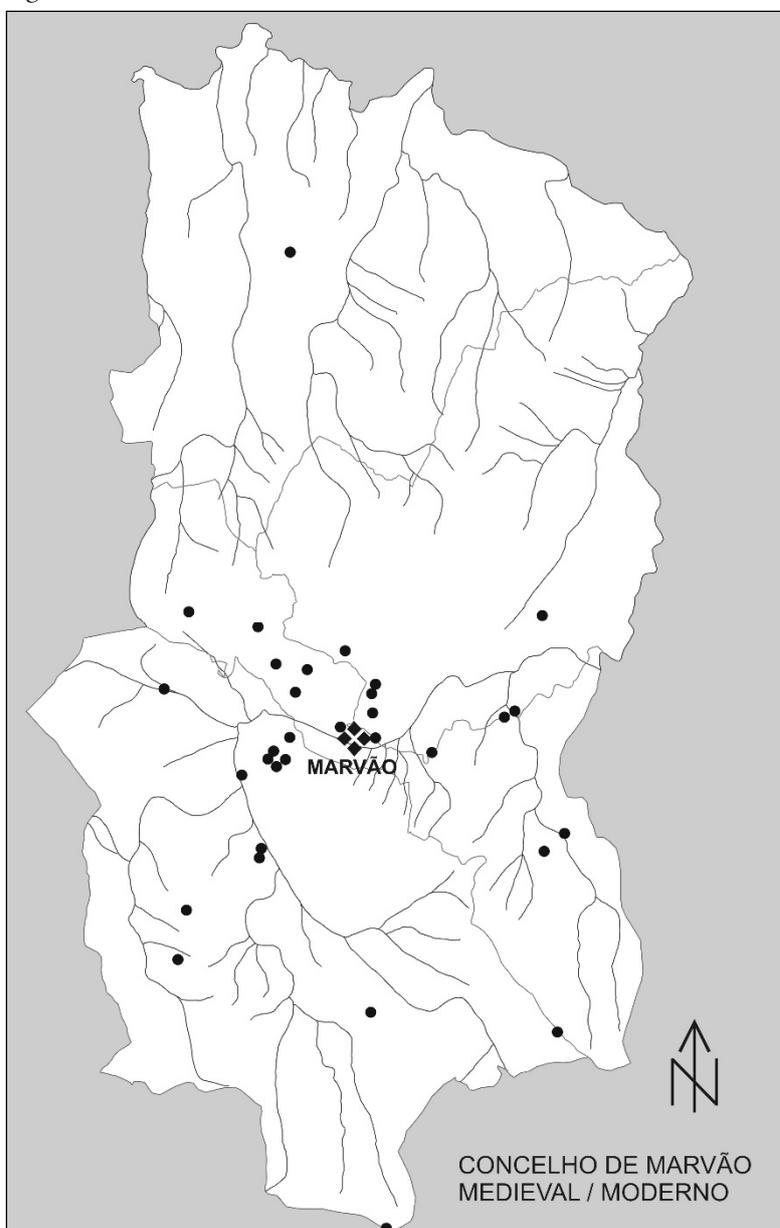


Fig. 19 – Ocupação Medieval/ Moderna

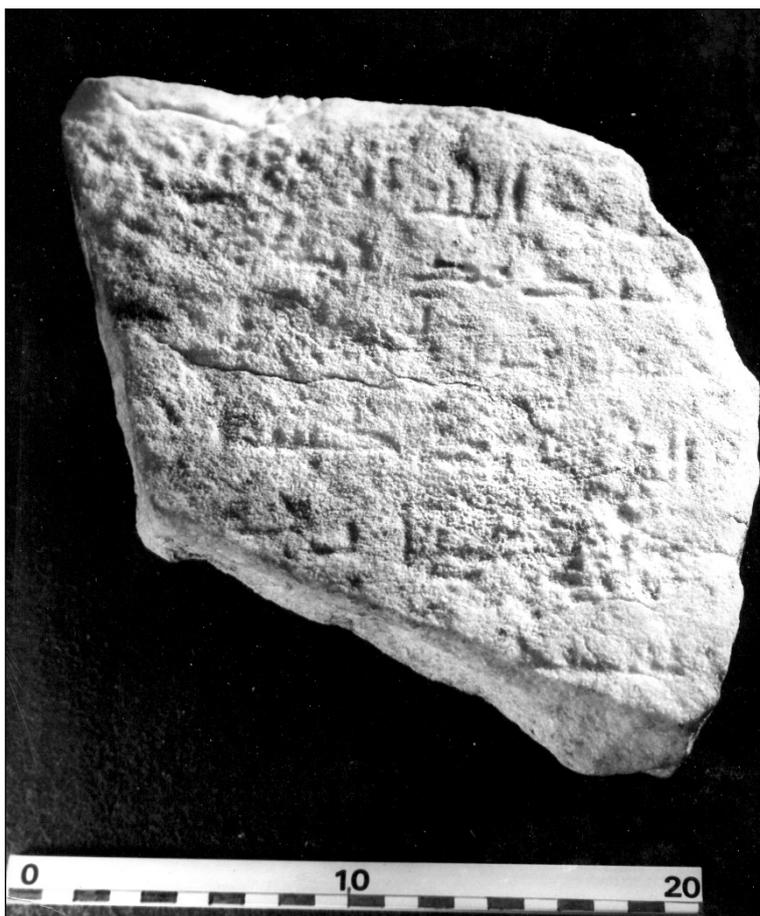
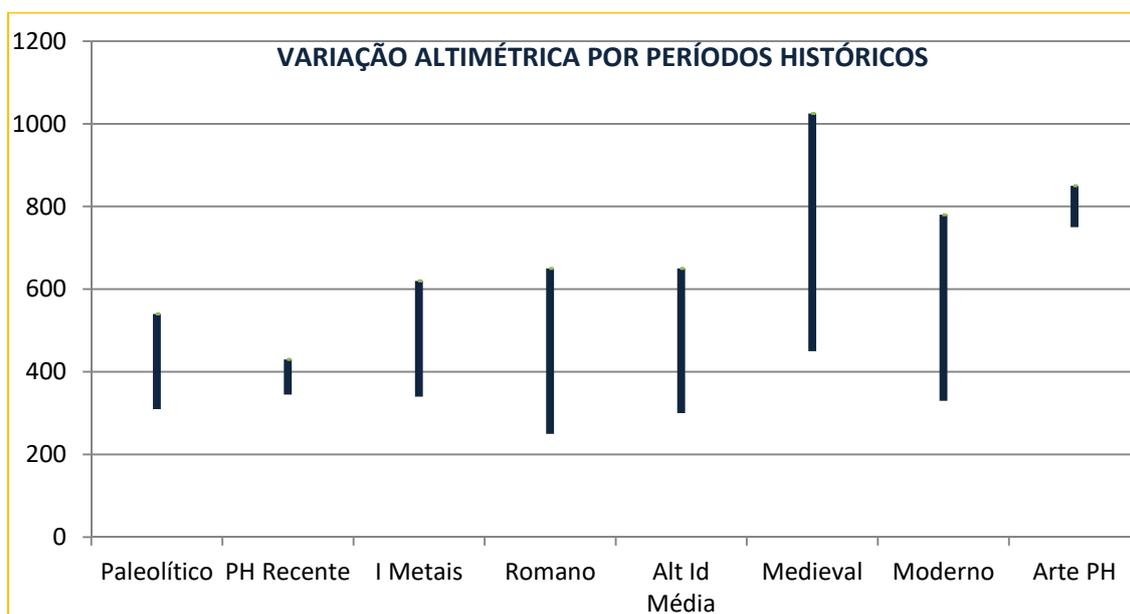
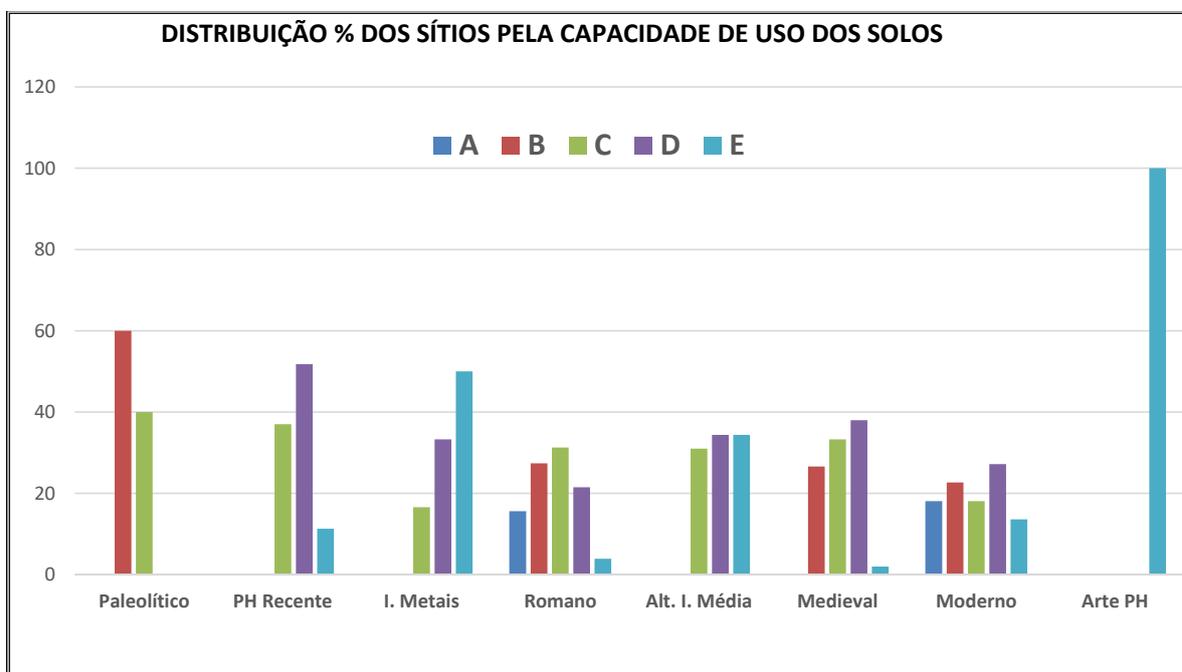


Fig. 20 - Inscrição muçulmana do Pico de S. Mamede (M.M.M.)

Será, assim, decorrente doutro ambiente de instabilidade que ao tempo de Ibn Maruán (c. de 877) as cotas mais altas do concelho de Marvão são ocupadas. A actual vila de Marvão parece ter nascido pela mão de Ibn Maruán na tentativa de aqui encontrar um ponto de refúgio e atalaia. Contudo, algumas cerâmicas, ainda que muito roladas que, há alguns anos se identificavam na encosta norte do castelo de Marvão, parecem sugerir que na Idade do Ferro já este local teria sido ocupado. Se alguma suspeita temos que na Idade do Ferro a crista quartzítica de Marvão terá acolhido algum povoado anterior à fortificação de Ibn Maruán temos, contudo, a certeza que, pelo menos nos finais do Neolítico, esta crista quartzítica foi visitada e pintada. Num pequeno abrigo e numa estreita parede de rocha quartzítica, imediatamente abaixo das medievais muralhas de Marvão, na escarpa virada a sul, o homem pré-histórico, numa grafia esquemática, aqui deixou sinais da sua passagem. Idêntica situação também a encontramos no Ninho do Bufo, no topo doutro singular maciço quartzítico, junto à actual fronteira com Espanha. Também aqui, provavelmente porque o homem pré-

histórico reconhecia nestas gigantescas formações geológicas atributos que hoje não alcançamos os quiseram marcar com as suas indecifráveis mensagens.



Constatamos, assim, ao analisarmos os principais testemunhos arqueológicos do concelho de Marvão como a água, a qualidade dos solos, a altimetria e a exposição solar condicionaram e foram determinantes nas estratégias de antropização da paisagem. Desde os tempos em que só as frescas margens do Sever eram ocupadas até à

sobrevivência nas severas cristas quartzíticas onde se ergueram as muralhas de Marvão, milhares de anos decorreram.



Fig. 21 - Vista geral da zona sul do concelho de Marvão



Fig. 22 - Aspeto do Castelo de Marvão

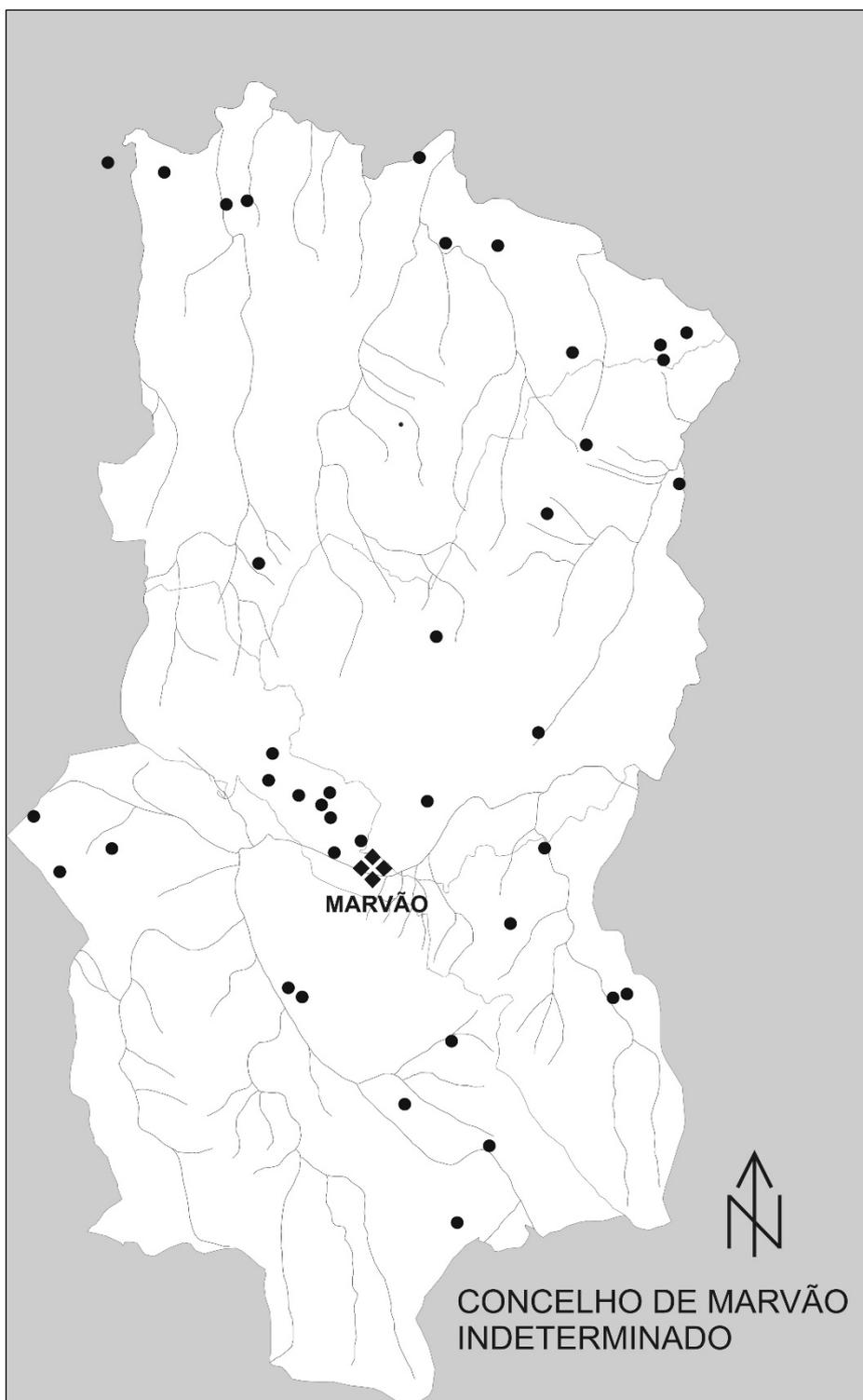


Fig. 23 – Sítios de cronologia Indeterminada

**Bibliografia**

ALARCÃO, Jorge de (1971) - Vidros romanos de Aramenha e Mértola. O Arqueólogo Português. Lisboa. III série, Vol. 5.

ALMEIDA, Nelson (2002) – Pré-História antiga no Nordeste Alentejano. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 12, 185-197.

ARRUDA, A. M. e CATARINO, H. (1981) – Nota acerca de alguns materiais da II Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão). Clio. Lisboa, Vol. 3, 183-188.

CARNEIRO, André (2002) – O fim do império e a cristianização no território da civitas ammaiensis: mudança e continuidade no concelho de Fronteira. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 12, 135-157.

COELHO, Possidónio M. Laranjo (1924/2001) – Terras de Odiana - Subsídios para a sua História Documentada. Edição fac-simile da edição de 1924. Introdução de António Ventura. Ibn Maruán (edição especial). 11.

DIAS, Ana C.; OLIVEIRA, Jorge de (1981) – Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão. Assembleia Distrital de Portalegre. Portalegre.

DIAS, M.<sup>a</sup> Manuela Alves (1984) – Miscellanea Nummismatica. Informação arqueológica.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Coimbra.

ESPINO, David M. Duque (2002) – Aproximación a la evolución del paisaje vegetal neolítico de la cuenca del rio Sever, a partir de los datos antracológicos preliminares de varios monumentos megalíticos. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 12, 199-230.

FERNANDES, Isabel Cristina; MENDES, J. Caria (1985) – Alguns dados bioantropológicos da estação arqueológica dos Pombais (Marvão). Arquivo de Anatomia e Antropologia. Lisboa. Instituto de Anatomia Normal. Vol. XXXIX, 221-233.

FERNANDES, Isabel Cristina (1985 b) – Espólio da necrópole dos Pombais (I). In Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano. Castelo de Vide (1985), 101-116.

- FERNANDES, Isabel Cristina; OLIVEIRA, Jorge de (1995) – Os mosaicos romanos do Garrianchos (Beirã-Marvão). *Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão*. 5, 13-23.
- FERNANDES, Lúcia Maria Marques (2001) – Capiteis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha- Marvão). *O Arqueólogo Português. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Série IV*, 19, 95-158.
- GUERRA, Amílcar (1996) – Ammaia, Medobriga e as ruínas de S. Salvador de Aramenha: dos antiquários à historiografia actual. *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. 11,7-32.
- IMPORTANTES DESCOBERTAS (1979) – Importantes descobertas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão). *Clio. Lisboa*, 1, 178-9.
- JALHAY, Eugénio (1947) – Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo da Aramenha romana (concelho de Marvão). *Brotéria. Lisboa*. XLV, 6, 615-633.
- LEISNER, George; LEISNER, Vera (1943-1965) – *Dei Megalithgraber Iberiscishen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MANTAS, Vasco Gil (2000) – A sociedade luso-romana do município de Ammaia. In *Sociedade y Cultura en Lusitania Romana – IV Mesa Redonda Internacional. Mérida: Série Estudios Portugueses*, 391-419.
- Idem (2002) – Libertos e escravos na cidade luso-romana de Ammaia. *Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão*. 12, 49-68.
- NEVES, J. Conceição (s/d) – Pedras de anel e anel. Trabalho policopiado, existente na Fundação Cidade de Ammaia, desconhecemos a respectiva publicação.
- OLIVEIRA, Jorge de (1985) – O menhir da Água da Cuba – Marvão. In *Actas das 1.as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano. Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide. Portalegre*.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Carmen (1989) – Levantamento Arqueológico da Barragem da Apertadura. *Câmara Municipal de Marvão. Portalegre*.
- OLIVEIRA, Jorge de (1990) – Aspectos do megalitismo no nordeste alentejano. In *Actas do 1º Encontro Regional de História. Évora: Universidade de Évora*.
- Idem (1991) - A estátua romana da Escusa (Aramenha – Marvão). *Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão*. 1, 85-96.
- Idem (1992) – A Anta dos Pombais – Marvão – notas de escavação. *Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão*. 2.

Idem (1993) – O rio Sever e as fronteiras no 3º milénio a.C.. In Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço. Câmara Municipal de Vila Velha do Ródão.

OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S. (1993-4) – A cidade romana de Ammaia na correspondência entre António Maças e Leite de Vasconcelos. O Arqueólogo Português. Lisboa. Série IV, vol. XI-XII, 103-134.

OLIVEIRA, Jorge de (1996) – Cidade da Ammaia (Marvão). Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 6, 15-22.

OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Carmen (1996) – Inventário dos vestígios arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 6, 43- 61.

OLIVEIRA, Jorge de (1998) – Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. Lisboa: Ed. Colibri.

Idem (1998 b) – Antas e menires do concelho de Marvão. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 8, 13-47.

OLIVEIRA, Jorge de; CUNHA, Susana S.S.S. (1998) – O complexo arqueológico de Vidais na correspondência trocada entre António Maças e Leite de Vasconcelos. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 8, 57-85.

OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998) – Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 8, 193-202.

OLIVEIRA, Jorge de (1999) – Cidade romana de Ammaia, S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal. In II Congresso de Arqueologia Peninsular. Zamora: Universidade de Alcalá. Tomo IV, 129-134.

OLIVEIRA, Jorge de (2002) – A cidade romana de Ammaia, documentos para a sua história recente. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 12, 11-48.

OLIVEIRA, Jorge de [et Al.] (2005) – São Salvador da Aramenha. História e Memórias da Freguesia. Jorge de Oliveira (Coord.). Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão e Junta de Freguesia de S. Salvador da Aramenha. 13.

OLIVEIRA, Jorge de, PEREIRA, S.; PARREIRA, J. (2007) – Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão, Colibri, C.M. de Marvão.

- OLIVEIRA, Jorge de, OLIVEIRA, Clara (2014) – Trabalhos arqueológicos nos abrigos com arte rupestre da Serra de S. Mamede, Actas do VII Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular, Aroche / Serpa.
- PAÇO, Afonso do (1948) – Epigrafia Amaïense. Monografia oferecida à Academia de Ciências. Boletim da Academia de Ciências de Lisboa. Março, 30-31.
- Idem (1953) – Carta arqueológica do concelho de Marvão. Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol Para O Progresso Das Ciências, Lisboa (1950). 7ª Secção, Lisboa. Ciências históricas e filológicas. Associação para o Progresso das Ciências, 93-127.
- Idem (1953 b) – Populações Pré e Proto-Históricas do concelho de Marvão. In XVI Congrès Internacional de Geographie. Lisboa.
- PAÇO, Afonso do; ALMEIDA, (D.) Fernando de (1962) – Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão. Revista de Guimarães. Guimarães. Vol. LXXII.
- PATROCÍNIO, Manuel F. S. do (1995) – A cabeça zoomórfica do Museu Municipal de Marvão. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 5, 25-39.
- PEREIRA, Sérgio et alii (2000) – Numismática ammaïense: notas preliminares. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 9-10, 55-70.
- PEREIRA, Sérgio (2002) – Dois depósitos monetários encontrados na Porta Sul (Ammaia). Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 12, 99-134.
- Idem (2002 b) – A cabeça antropozoomórfica da Quinta do Leão. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 12, 169-184.
- REI, António (2002) – Târiq ibn Ziyâd e o seu exército em Almeida e na Cidade de Ammaia (Marvão) em finais de 711 – inícios 712. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 12, 159-167.
- REI, António (1998) – O nordeste alentejano nos geógrafos árabes. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 8, 247-250.
- SIDARUS, Adel (1991) - Amaia de Ibn Maruán: Marvão. Ibn Maruán. Câmara Municipal de Marvão. 1, 13-26.
- SOTTO MAIOR, Diogo Pereira de (1616/1984) – Tratado da Cidade de Portalegre, Introdução Leitura e Notas de Leonel Cardoso Martins. Maia: INCM – Câmara Municipal de Portalegre. Reedição da edição de 1619).
- VASCONCELOS, José Leite de (1935) – Localização da cidade de Ammaia. Ethnos. Lisboa. I, p. 5-9.